

**CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CORRELAÇÃO SINTÁTICA  
E DO ESTRUTURALISMO**

*Felipe de Andrade Constancio (UFRJ)*

[felipe.letras.ac@gmail.com](mailto:felipe.letras.ac@gmail.com)

*André Nemi Conforte (UERJ)*

[andreconforte@gmail.com](mailto:andreconforte@gmail.com)

**RESUMO**

A herança dicotômica de Saussure (1995, p. 95), durante o século XX, foi adotada, em grande medida, na matriz descritiva das unidades gramaticais do português. Ao que tudo indica, essa herança permite um entendimento acerca do percurso teórico adotado pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (1959, doravante NGB) na escolha da coordenação e da subordinação, vistas como processos únicos na organização do período composto. Neste trabalho, cotejam-se discursos favoráveis e desfavoráveis à inclusão da correlação sintática como processo válido e potencial na articulação de orações. Além desse cotejo, o trabalho objetiva sinalizar a relevância das gramáticas contemporâneas do português, produzidas a partir dos anos 2000, com a concepção de que a correlação deve constituir uma seção à parte nos estudos da organização do período, o que pontua a contramão da premissa estruturalista de que as unidades da língua devem ser tratadas por meio de oposições. A metodologia de pesquisa empregada centrou-se basicamente no cotejo bibliográfico crítico das visões diversas e por vezes divergentes de gramáticos e linguistas de língua portuguesa acerca do estatuto da correlação sintática.

**Palavras-chave:**

Correlação. Estruturalismo. Gramaticografia.

**ABSTRACT**

Saussure's dichotomous inheritance (1995, p. 95), during the 20<sup>th</sup> century, was adopted, to a large extent, in the descriptive matrix of Portuguese grammatical units. Apparently, this inheritance allows an understanding of the theoretical path adopted by the Brazilian Grammatical Nomenclature (1959, hereinafter NGB) in the choice of coordination and subordination, seen as unique processes in the organization of the compound period. In this work, favorable and unfavorable speeches are compared to the inclusion of syntactic correlation as a valid and potential process in the articulation of sentences. In addition to this comparison, the work aims to highlight the relevance of contemporary Portuguese grammars, produced since the 2000s, with the conception that correlation should constitute a separate section in studies of the organization of the period, which goes against the premise structuralist that language units must be treated through oppositions. The research methodology employed was basically centered on the critical bibliographic comparison of the diverse and sometimes divergent views of Portuguese grammarians and linguists regarding the status of correlation.

**Keywords:**

Correlation. Grammaticography. Structuralism.

## 1. Considerações iniciais

Câmara Jr. (1972), motivado pela tradição dos estudos estruturalistas, sobretudo os de vertente norte-americana (já que seus estudos foram influenciados especialmente pelos pressupostos teóricos de Leonard Bloomfield), comenta o direcionamento adotado pela NGB:

Quero aqui apenas focalizar dois pontos em que acho que a comissão da Nomenclatura prestou um grande serviço ao estudo e ao ensino da língua materna entre nós em questão de análise sintática: a supressão dos conceitos de “correlação” e “justaposição” como estruturas frasais paralelas à ordenação e à subordinação. (CÂMARA Jr., 1972, p. 64-65)

Adotando o conceito dicotômico para a apreensão das unidades da língua, o linguista brasileiro assim se pronuncia:

A eliminação dos conceitos de “justaposição” e “correlação”, na nova Nomenclatura oficial, foi, por tudo isso, a meu ver uma medida das mais salutares. O retorno à dicotomia coordenação-subordinação (ou parataxe-hipotaxe) reata uma tradição gramatical que se apoia na verdadeira natureza da expressão linguística (...) (CÂMARA JR., 1972, p. 69)

Outros linguistas, como Nascentes (*Apud* LUFT, 1978, p. 145), também rechaçam veementemente a inclusão da correlação na NGB: “a correlação, recentemente inventada, não passa de uma coordenação simétrica ou de uma subordinação (...)”. Esse tipo de discurso, portanto, foi endossado por quem constituía a comissão da NGB, o que confirma a baixa adesão a um tratamento mais específico sobre as orações correlatas.

Na década de 1980, período relevante para a produção de obras didáticas do português, houve, de modo geral, uma certa reivindicação teórica por parte de alguns linguistas que não entendiam a correlação como um processo sintático à parte. Moraes (1981, p. 208) pontua, por exemplo, que são “inaceitáveis as ideias de interdependência e reciprocidade” conferidas às chamadas construções correlatas. O autor prefere defender que só há dois processos de conexão de orações, quais sejam: a coordenação e a subordinação.

Para Neves (1997, p. 39-40), os modelos formalistas – o estruturalismo e o gerativismo – concebem o estudo das unidades da língua de modo descontextualizado, sem considerar os usos ou os registros linguísticos em que essas unidades estão imersas. Para essas correntes formalistas, há, portanto, oposições que se situam em cada nível de análise linguística (fonema, sílaba, palavra, sintagma, oração e período) de modo que os níveis dialogam pouco, sugerindo uma falsa autonomia e a consideração de que existem oposições no interior de cada nível linguístico.

A autora traz, no âmbito das considerações sobre o estruturalismo, a noção de que “a análise da forma linguística parece ser primária” (NEVES, 1997, p. 39). Essa constatação acerca do ideário estruturalista dialoga com a exclusão da correlação do cenário classificatório da NGB, uma vez que fatores como independência e dependência sintáticas vigoraram no projeto da nomenclatura, o que resultou, como legado do período composto, apenas em considerações sobre as orações que se enquadravam nesse ideário formal.

Correntes funcionalistas, mais preocupadas com a descrição das unidades linguísticas em âmbito contextual, surgiram (também no século XX) para iniciar estudos mais comprometidos com os significados das unidades da gramática (Cf. NEVES, 1997, p. 41) e com suas possíveis implicações semânticas, pragmáticas e estilísticas.

Localizam-se, na esfera funcionalista, os estudos empreendidos em torno da correlação sintática. Motivados pela baixa adesão da correlação no projeto da NGB, esses estudos têm como ferramenta essencial o fator contextual de imersão das unidades da língua, sem o qual o estudo da forma restringe-se apenas a elementos de natureza interna aos sistemas linguísticos. A correlação, como se verá, é dotada de itens de natureza gramatical – os conectores – e assume funções textuais bastante peculiares.

## **2. Discursos pró-correlação**

Com o avanço dos estudos linguísticos, correntes teóricas que tratam o texto como categoria fundante investiram paulatinamente na premissa de que as unidades da língua podem operar no extrato textual, conferindo-lhe processos de significação e de sistematização das categorias da gramática.

Partindo dessa premissa, Oiticica (1947) já defendia o estudo da correlação sintática aplicado à análise de textos da tradição literária:

Sendo tidas, em geral, como casos especiais da subordinação, cousa inadmissível, pouco se tem ocupado as gramáticas e os *Métodos* com as correlações, dificultando imensamente o estudo da análise, sobretudo de Camões, onde os períodos correlatos se sucedem. (OITICICA, 1947, p. 245-6)

Dessa forma, o investimento da tradição gramatical na análise de textos clássicos e literários, de modo geral, contribuiu para que houvesse maior difusão de iniciativas, ainda que isoladas, mais atentas à esfera de

organização do período composto, sem perder de vista a relevância da correlação e da justaposição como processos válidos de organização do período.

Não se pode deixar de mencionar o papel que esses estudos (de análise sintática em textos literários) tiveram para a difusão da chamada norma-padrão. Com o avanço da prática de análise de textos, muitos manuais de análise sintática foram produzidos no século XX, com o objetivo justamente de dar visibilidade ao projeto da NGB. Vieira (2018, p. 10) chama esse processo de “paradigma tradicional de gramatização”, cujos efeitos descritivos são perceptíveis na produção de gramáticas e manuais do século XX<sup>31</sup>.

Oiticica (1947), de acordo com os estudos sobre a questão, é o primeiro filólogo a lançar luz sobre o fenômeno da estrutura correlata em paralelo com as práticas de análise textual, muito comuns em antologias produzidas por gramáticos e por críticos devotados aos comentários estilísticos e gramaticais em textos da tradição.

A correlação sintática recebeu investimento de pesquisadores interessados em abordagens estilísticas do texto e, mais recentemente, tem recebido atenção de linguistas que se debruçam, por exemplo, em torno de questões epistemológicas atuais. Castilho (2002, p. 144), em estudo semi-nal sobre a língua falada, assim se posiciona:

Um raciocínio menos rígido admitirá a existência de categorias intermediárias, que se dispõem no intervalo das categorias prototípicas. Por outro lado, os processos correlativos [...] são recorrentes, vale dizer, gramaticalizados.

[...] as correlativas podem ser vistas emblematicamente como uma sorte de sintaxe dialógica, em que ambas as sentenças atuam como turnos emparelhados. (CASTILHO, 2002, p. 144)

Diferentemente da tradição gramatical, que se debruça, de modo geral, sobre os textos escritos de fonte literária, o autor é um dos primeiros a se dedicar à abordagem das orações correlatas em território pouco explorado – a língua falada. Por meio de exemplos retirados de gravações (inquéritos) da língua falada, Castilho (2002) sinaliza que, embora sejam estruturas complexas à organização cognitiva, o falante domina e usa orações correlatas em suas práticas dialógicas de organização da linguagem.

---

<sup>31</sup> A discussão, portanto, é ampla. Linguistas e filólogos, de modo geral, costumam retomar este período para o debate em torno da chamada configuração da norma-padrão nacional.

O trabalho de Castilho (2002), seguindo uma esteira de outras investigações, circunscreve-se aos domínios de outras produções – as gramáticas contemporâneas do português, que, desde os anos 2000, têm investido em análise descritiva da língua nos moldes opostos da gramática de base estruturalista. Linguistas motivados por estudos de viés funcionalista dedicam-se à análise das categorias gramaticais relacionadas a critérios discursivos e funcionais variados.

Essas gramáticas tornaram-se um marco divisor no que se refere ao rompimento com perspectivas estruturalistas que enxergavam as unidades da gramática desgarradas do seu contexto social de produção. Nesse sentido, a abordagem das orações correlatas alcançou um patamar em que se pode notar uma maior preocupação com questões voltadas para o universo motivacional/icônico no uso dessas estruturas imersas em textos (falados ou escritos). A seguir, retomam-se algumas dessas gramáticas contemporâneas para a observação de como são tratadas as estruturas correlatas por intermédio dessa perspectiva teórica.

### **3. O período composto e as orações correlatas na gramática contemporânea**

Conforme adverte Leite (2014, p. 133), as gramáticas do século XXI orientam-se por meio de projetos “de descontinuidade e continuidade”. Trata-se de obras que ora adotam a terminologia da NGB, ora apoiam-se em correntes linguísticas contemporâneas.

Seis dessas gramáticas corroboram projetos de descontinuidade em relação à NGB. Em linhas gerais, nessas obras, a correlação sintática recebe investimento descritivo endossado por distintas correntes (gerativismo, cognitivismo, sociofuncionalismo, análise do discurso). A seguir, são abordadas as principais contribuições dessas gramáticas acerca da correlação sintática.

Neves (2011) assim trata as orações correlatas aditivas:

Um tipo diferente de **construções aditivas** são as **correlativas**, do tipo de **NÃO SÓ... MAS TAMBÉM, NÃO SÓ... COMO TAMBÉM**, como se vê nos enunciados:

*Pesquisador infatigável, estudava NÃO SÓ o organismo humano, MAS TAMBÉM o animal.*

*As mulheres também retornavam quase correndo, NÃO SÓ pelo frio COMO TAMBÉM pelo peso dos potes. (NEVES, 2011, p. 742) (grifos da autora)*

A autora abre uma seção no capítulo referente às junções para tratar especificamente do caso das orações correlatas aditivas. A análise desse tipo de junção é detalhada por exemplos e, inclusive, a autora menciona a relevância das construções “nem... nem” de modo a criar um subtipo de categoria correlata – “correlação aditiva negativa” (NEVES, 2011, p. 752).

Em outra obra, Neves (2018, p. 843-845) trata das construções correlatas alternativas: “a CONJUNÇÃO COORDENATIVA *ou* marca disjunção, com alternância entre o elemento COORDENADO no qual ela ocorre e o elemento anterior”. A autora utiliza o exemplo “**Ou** se tem chuva e não se tem sol/**ou** se tem sol e não se tem chuva!” para sinalizar o fator semântico de exclusão relativo aos membros oracionais desmembrados pelo “ou” (a teorização gramatical, pautada pela lógica formal, tem chamado esse tipo de articulação de “disjunção”, o que sinaliza um traço sintático no mínimo curioso: os conectores nem sempre ligam orações).

A obra de Neves (2018) também lança luz sobre os tipos específicos de orações correlatas comparativas e consecutivas. Utilizando exemplos da língua escrita, a autora aborda os períodos organizados pela correlação e ratifica a noção de que esse tipo de construção é comumente utilizado em textos literários e midiáticos de modo geral.

Azeredo (2021) endossa a relevância da correlação como um “expediente” para a organização de textos argumentativos:

A união sintática de dois sintagmas ou de duas orações pode ainda ser expressa *por um par de palavras ou locuções que separadamente assinalam cada um dos termos conectados*. É o que se passa com a construção **tanto eu quanto ele**, comparada a ‘*eu e ele*’. Trata-se da **correlação**, processo usual na linguagem da argumentação, utilizado para dar idêntico realce às unidades conectadas. (AZEREDO, 2021, p. 388) (grifos do autor)

Embora conceba a tese de que “a correlação é um expediente retórico, de rendimento enfático no discurso, e não um processo sintático distinto da coordenação e da subordinação” (AZEREDO, 2021, p. 388), o autor tece contribuições para o entendimento de que as estruturas correlativas são comuns ao período simples (elas manifestam-se entre sintagmas) e ao período composto (elas conectam orações). Na tradição gramatical, essa representatividade da correlação não é mencionada, o que sugere o pioneirismo da obra de Azeredo (2021) no tratamento das estruturas em vários níveis de análise.

Outra contribuição de Azeredo (2021) está na esfera da abordagem discursiva do fenômeno gramatical, a saber: o fator argumentativo envolto

ao uso das orações correlatas. Na perspectiva argumentativa, o emprego dos conectores correlatos pode oferecer maior reforço textual e, portanto, maior monitoramento na construção do modo argumentativo de organização do discurso.

Castilho (2012, p. 384-90) inaugura uma seção em sua obra – “Estaduto da correlação” – para lidar com as orações correlatas e seus fatores – lexicais, semânticos, discursivos e gramaticais (perspectiva “multissistêmica” no trato das unidades da língua).

Para Castilho (2012),

não é adequado tratar as aditivas e as alternativas exclusivamente como coordenadas, nem as comparativas e as consecutivas como subordinadas adverbiais. Elas são diferentes (i) discursivamente, pois põem em relevo dois atos de fala; (ii) semanticamente, pois combinam diferentes categorias; e (iii) gramaticalmente, pois são interligadas por meio de conjunções complexas. (CASTILHO, 2012, p. 387)

Para o linguista, os fatores discursivos, semânticos e gramaticais apontam traços prototípicos da correlação sintática cujas especificidades são distintas da coordenação e da subordinação. Desse modo, o tratamento da correlação avança em termos de escopo e de abordagem, deixa de dar visibilidade apenas à estrutura em si e passa ao enfoque de fatores relacionados ao ideário contextual da ocorrência da estrutura.

Além de pontuar os fatores extralinguísticos no uso das orações correlatas, Castilho (2012, p. 388) traz a seguinte contribuição: “abundantes na língua escrita, as correlatas têm uma presença discreta na língua falada”. Embora o texto escrito seja o portador prototípico de veiculação de estruturas correlativas, não se pode deixar de mencionar, conforme sugere o autor, que a correlação, enquanto estrutura complexa, ocorre também no texto falado. Ainda que seja uma estrutura decorrente de graus variados de monitoramento sintático, o falante tende a usá-la em situações de maior tensão argumentativa, como pontua o autor.

Com o avanço das pesquisas sociofuncionalistas, muitos linguistas passaram a utilizar, como fonte de pesquisa, inquéritos (transcrições) de língua falada. Sem sombra de dúvida, esses inquéritos ajudaram na (re)descoberta de níveis de análise gramatical em que as unidades da língua passaram a ser concebidas por intermédio do processamento de dados (as ocorrências criam uma espécie de recorrência de estruturas simples ou complexas, no caso do português).

A correlação sintática, observada pelo viés do processamento linguístico de grandes fontes de dados, passou a receber enfoque nos últimos anos. Nesse sentido, o enfoque da linguística na língua falada propiciou o estudo desse tipo de estrutura complexa, o que motivou o surgimento de pesquisas variadas, tanto em torno da fala quanto em torno da escrita. As gramáticas do século XXI tornaram possível um debate mais consistente em torno da correlação.

Bagno (2011) defende que

[...] as conjunções correlativas ocorrem sempre em dupla, precisamente porque introduzem sentenças que estão em interdependência, a meio caminho entre a coordenação e a subordinação. Podem introduzir elementos de caráter nominal tanto quanto de caráter verbal [...]. (BAGNO, 2011, p. 886)

A abordagem de Bagno (2011) adota a hipotaxe adverbial no entendimento de que as orações correlatas se situam num *continuum* evolutivo (“a meio caminho entre a coordenação e a subordinação”). Segundo o autor, as orações correlatas assumem marcas de conexão oracional motivadas por processos complexos de gramaticalização de conjunções, que, ao longo da história do português, assumiram mais traços gramaticais, de modo a gerar uma lista considerável de itens que se tornaram pares (não só... mas também; nem... nem etc.).

A hipotaxe adverbial, conforme sugere o autor (2011, p. 886), “é um processo sintático que, para se concretizar, forçou a gramaticalização (ressemantização e recategorização) de palavras das mais variadas classes gramaticais. Os pares de conectivos correlativos, em sua maioria, passaram por processos de gramaticalização até se estabilizarem e assumirem valores semânticos (adição, exclusão, comparação e consecutividade).

No cenário da descrição gramatical portuguesa, a obra coletiva de Raposo (2013, p. 1993-1994) menciona o caráter estático das chamadas orações correlatas comparativas (“Os meninos comeram *mais* doces *do que* as meninas.”). De acordo com o autor, essas construções tendem, por sofrerem processos de gramaticalização, a assumir posições mais estáticas no interior da frase portuguesa. Diferentemente de outras estruturas adverbiais, cuja movimentação sintagmática é mais comum, as correlatas comparativas tendem a se fixar na tensão oracional do período complexo.

Os fatores semânticos e discursivos assumem relevância descritiva para o tratamento das orações correlatas nas gramáticas do século XXI. Na contramão dos estudos estruturalistas, essas gramáticas adotaram um discurso, *lato sensu*, de base essencialmente funcional, em que as construções

dialogam com especificidades do âmbito do significado das formas da língua.

Módolo (2016, p. 191-202) foi um dos primeiros linguistas a sistematizar os processos de junção das orações correlatas. Conforme estudo do autor, as orações correlatas podem ser de quatro tipos, a depender da junção operada por conectivos gramaticalizados, a saber:

A) oração correlata aditiva: não só... mas, não só... senão, não só... porém, não só... como, não só... também, não somente... mas, não somente... senão, não somente... porém, não somente... como, não só... mas também, não só... mais ainda, não só... mas até, não só... senão também, não só... senão ainda, não só... senão que, não só... porém também, não só... porém sim, não só... que também, não somente... mas também, não somente... mas até, não somente... senão também, não somente... senão ainda, não somente... senão que, não somente... porém também, não somente... como também;

B) oração correlata alternativa: já... já, nem... nem<sup>32</sup>, ora... ora, ou... ou, quer... quer, seja... seja;

C) oração correlata comparativa: tanto... quanto, tão... quanto, mais... que, mais... do que, menos... que, menos... do que, assim como... assim;

D) oração correlata consecutiva: tanto... que, tanta... que, tão... que, tal... que, tamanho... que, de tal arte... que, de tal sorte... que;

E) oração correlata proporcional: quanto mais... mais<sup>33</sup>.

O autor sugere mais um tipo de oração correlata de base hipotética. Por meio do par “*se... então*”, Módolo (2016, p. 200) vale-se do exemplo “*Se não vinha da Itália, então de onde vinha?*” para sinalizar um caso típico de ocorrência dessa estrutura em português.

---

<sup>32</sup> Módolo (2016) opta por alocar o par “nem... nem” entre as orações correlatas alternativas, mas outros autores consideram-no como par correlativo aditivo. A escolha por uma denominação, nesse caso, parece estar mais restrita aos casos de valores semânticos – exclusão (alternativa) e inclusão (aditiva).

<sup>33</sup> Módolo (2016, p. 200) menciona que esse tipo de oração correlata é o que menos recebe investimento descritivo e, portanto, não é encontrado nos manuais e gramáticas com certa frequência.

#### 4. Considerações finais

Ainda que o debate em torno da validação, ou não, do estatuto das orações correlatas divida muitos gramáticos e linguistas, muito se tem documentado a respeito dos mecanismos de junção (variedade de formas de conectores) desse tipo de conexão oracional.

Como se pode notar, o estudo desses mecanismos de junção tem recebido o enfoque de muitos pesquisadores, sobretudo daqueles que se interessam pelos processos de gramaticalização. A crescente investigação em torno do processo da correlação sintática tem demonstrado que o estruturalismo linguístico pouco investiu, em termos de descrição, no âmbito do processo de articulação de orações, lacuna que acreditamos venha a ser preenchida com o avanço dos estudos de base funcional, sem prejuízo ou demérito para as muitas contribuições anteriores ao estudo da correlação, seja como processo sintático em si, seja como arranjo sintático específico a serviço da coordenação e da subordinação.

Mais do que trazer conclusões definitivas acerca dessa centenária discussão, o que extrapolaria em muito as pretensões deste trabalho, interessa-nos, antes que tudo, apresentar o estado da arte da questão, chamando a atenção em especial para os novos olhares que se têm debruçado sobre o processo correlativo em português.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola, 2021.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *Dispensos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012

LEITE, Marli Quadros. “Tradição, invenção e inovação em gramáticas da língua portuguesa – séculos XX e XXI”. In: CASSEB-GALVÃO, V.C.;

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

NEVES, M.H. de M. (Orgs). *Gramáticas contemporâneas do português: com a palavra, os autores*. São Paulo: Parábola, 2014.

LUFT, Celso Pedro. *Gramática resumida: explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1978.

MÓDOLO, Marcelo. As construções correlatas. In: NEVES, M.H. de M. (Org.). *A construção das orações complexas*. São Paulo: Contexto, 2016.

MORAIS, Clóvis Barleta de. A correlação em português. In: SALUM, I.N. *Estudos de filologia e linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: EDUSP, 1981.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Unesp, 2018.

OITICICA, José. *Manual de análise léxica e sintática*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1947.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva *et al.* *Gramática do português*. Vol. II. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad. de Izidoro Blikstein *et al.* São Paulo: Cultrix, 1995.

VIEIRA, Francisco Eduardo. *A gramática tradicional: história crítica*. São Paulo: Parábola, 2018.

Outra fonte:

NOMENCLATURA GRAMATICAL BRASILEIRA. Disponível em: <https://docs.ufpr.br/~borges/publicacoes/notaveis/NGB.pdf>. Acesso em: 21/02/2024.